

# A ABORDAGEM NEUROPSICOPEDAGÓGICA ADOTADA EM SALA DE AULA QUE FACILITA A APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES COM TEA.

Alice Victória de Deus Bandeira <sup>1</sup>  
Graziela Brito de Almeida <sup>2</sup>

## RESUMO

Neuropsicopedagogia é uma ciência que junta os conhecimentos da neurociência, psicologia cognitiva e pedagogia. Esse trabalho tem um caráter bibliográfico e nele é abordado sobre a neuropsicopedagogia e como ela auxilia o aluno com autismo em classe. Nele é exposto sobre como essa ciência auxilia os professores em sala de aula, pois, o ensino e aprendizagem das crianças com transtorno do espectro autista (TEA) ainda é um desafio para muitos professores, principalmente por não terem o suporte necessário para auxiliar esses estudantes. Compreendemos que o neuropsicopedagogo busca, na observação individual de cada um, estudar o relacionamento entre o sistema nervoso e aprendizado do indivíduo, focando, principalmente num novo cenário para que o sujeito seja incluído em todos os âmbitos da sua vida de modo geral e amplo. A neuropsicopedagogia não está para retirar o professor de sala de aula, mas sim para transformar a vida do estudante cognitivamente e emocionalmente, a fim de auxiliar os docentes e, principalmente o aluno, a melhorar o processo de ensino e aprendizagem. Consideramos que para os professores conseguirem dar a assistência necessária quanto ao aprendizado para o aluno com TEA é necessário não só a utilização de novas metodologias provenientes da neuropsicopedagogia, mas também uma formação continuada que dê suporte aos docentes para que consigam auxiliar os alunos autistas no ensino e aprendizagem.

**Palavras-chave:** Neuropsicopedagogia, Transtorno do espectro autista, Ensino e aprendizagem.

## INTRODUÇÃO

A pesquisa de caráter bibliográfico e documental, tem como principal objetivo estudar a neuropsicopedagogia no processo de aprendizado de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e como a abordagem neuropsicopedagógica irá auxiliar esse estudante em sala de aula.

A neuropsicopedagogia, de acordo com FONSECA, (2014, p.1) é a junção de estudos do desenvolvimento que busca integrar as funções e disfunções neurológicas, os processos psicocognitivos e os métodos psicopedagógicos. Dito isto, a neuropsicopedagogia é, muitas vezes, direcionada para processos de ensino e aprendizagem e tem como objetivo fundir essas

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de **Pedagogia** da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, alicevbandeira@outlook.com;

<sup>2</sup> Professora orientadora do Curso de **Pedagogia** da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, graziela.almeida@unicap.br.

três ciências a fim de auxiliar a aprendizagem daqueles que possuem algum tipo de comprometimento seja neurológico, cognitivo ou pedagógico como o TEA.

O Transtorno do Espectro Autista é considerado pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM - 5) por ser um transtorno global do desenvolvimento. Algumas características do autismo são: “dificuldades de comunicação e interação, isolamento, padrão restrito e repetitivo de interesses que não são tão graves a ponto de interferir significativamente no desenvolvimento cognitivo ou na linguagem” (ALBURQUERQUE, 2011, *apud* AMBRÓS; OLIVEIRA 2017, p. 211). Entretanto, conforme Dresch (2018) cada autista é um ser individual, ou seja, expressam seus comportamentos diferentemente, assim como os sintomas, que podem ser de leve, moderado e grave.

Esse transtorno está diretamente ligado a neupsicopedagogia, visto que, apoiando em Herculano-Houzel (2004) compete ao profissional da área estimar as necessidades cognitivas do estudante, em prol de existir uma interferência que estimule e possibilite-o compreender os processos de desenvolvimento e aprendizagem. Visto que o aluno com TEA é considerado pela Associação Americana de Psiquiatria APA (2013) um transtorno do neurodesenvolvimento, sendo assim, torna-se imprescindível utilizar da neurociência para estudar o cérebro do indivíduo autista em prol de encontrar formas funcionais de auxiliar o desenvolvimento pedagógico e psicológico.

A psicopedagogia é indispensável no processo educacional, principalmente por participar desse diagnóstico e dar suporte educativo e emocional para os indivíduos com o transtorno do espectro autista. Para Beauclair (2013, p. 01) a psicopedagogia é um campo que propõe integrar conhecimentos humanos a fim de um maior entendimento dos processos de aprendizagem do ser humano, ou seja, cabe ao psicopedagogo realizar uma mediação pedagógica para desenvolver esses processos de aprendizagem. Em conjunto, as três ciências, neurociência, psicologia cognitiva e pedagogia vão auxiliar os profissionais da educação a integrar esses alunos na sociedade de forma plena.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa bibliográfica e documental será fundamental para localizar as fontes e as informações oportunas ao tema proposto deste estudo, e servirá mais tarde, como suporte de

consulta para pesquisas futuras, a fim de fundamentar teoricamente as ideias de Ambrós;Oliveira (2017); Beauclair (2013); Cunha (2013); Dresch (2018); Fonseca (2014); Gonçalves (2020); Herculano-Houzel (2004); Santos e Vieira (2017) no tocante ao ensino e aprendizagem de estudantes com TEA e como as metodologias neuropsicopedagógicas podem ser úteis nesse quesito.

Para Boccato (2006), a pesquisa bibliográfica:

[...] busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica (apud SOUZA; OLIVEIRA; ALVES, 2021, p. 67).

De acordo com Oliveira (2007, p.69), entendemos por pesquisa documental, “caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação” (apud SILVA; ALMEIDA; GUINDANI).

Nesta perspectiva, esse trabalho teve o intuito inicial de ressaltar a abordagem neuropsicopedagogia adotada em sala de aula que facilita a aprendizagem dos estudantes com TEA a partir da pesquisa bibliográfica e documental.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Para Fonseca (2014), a neuropsicopedagogia é a junção da neurociência, psicologia cognitiva e pedagogia.

Em síntese, a neuropsicopedagogia procura reunir e integrar os estudos do desenvolvimento, das estruturas, das funções e das disfunções do cérebro, ao mesmo tempo que estuda, os processos psicocognitivos responsáveis pela aprendizagem e os processos psicopedagógicos responsáveis pelo ensino. (FONSECA, 2014, p. 2).

A partir desse viés, pode-se compreender a neuropsicopedagogia como um método que auxilie os docentes quanto aos processos de aprendizagem, visto que ela abre portas para uma nova compreensão de ensino, principalmente para os alunos que possuem o transtorno do espectro autista. Mas antes é necessário conceituar cada parte da neuropsicopedagogia e como elas se conectam.

### 1.1. CONCEITUANDO A NEUROCIÊNCIA

Para Consenza e Guerra (2011, *apud* DRESCH, 2018, p. 10) “As neurociências estudam os neurônios e suas moléculas constituintes, os órgãos do sistema nervoso e suas funções específicas, e as funções cognitivas e o comportamento que são resultantes das atividades dessa estrutura”. Sendo assim, neurociência é uma vasta ciência, considerada transdisciplinar, pois ela estuda diferentes áreas do cérebro tendo, assim, uma variedade de especificidades, com seus estudos podendo ser aplicados da medicina até a educação.

A neurociência pode ser dividida em: neurociência cognitiva, neurociência comportamental, a neuroanatomia, a neurofisiologia e a neuropsicopedagogia. De acordo com DRESCH

A neurociência cognitiva se atém principalmente à capacidade cognitiva do indivíduo, como o raciocínio, a memória e a aprendizagem; já a neurociência comportamental tem seu foco na ligação entre aquilo que é interno, como as emoções, e a forma como o ser humano se comporta em determinadas ocasiões; a neuroanatomia estuda toda a estrutura do sistema nervoso, suas partes e a função de cada uma delas, além de nomeá-las minuciosamente; a neurofisiologia nos traz o estudo das ligações do sistema nervoso, como se processam os estímulos nas várias áreas desse sistema; e, por último, a neuropsicologia estuda a ligação dos nervos às funções psíquicas. (2018, p. 12-11).

Determinar cada dimensão da neurociência é necessário para compreender onde que a neuropsicopedagogia se encaixa e como que funciona cada parte dos estudos do cérebro. Além de, auxiliar na educação, pois, podem ser retiradas estratégias de como melhorar o ensino e aprendizagem de um aluno com transtorno do espectro autista.

É importante que para nos aprofundarmos na neurociência conheçamos as estruturas do sistema nervoso, como o cérebro, cerebelo, neurônios, hemisférios, lobos, entre outros e as suas funções como a atenção, memória, emoção, expressão, motivação, sono etc. Conhecer essas estruturas podem ser fundamentais para o trabalho em múltiplas áreas e não apenas a médica ou psicológica (SILVA; MORINO, 2018 *apud* BRANDÃO; CALIATTO, 2019, p. 523).

A partir da neurociência cognitiva em articulação a educação surge a ciência neuroeducacional. Essa especificidade da neurociência evidencia o quanto os profissionais da educação que se ligam a essa ciência conseguem se aprofundar no ensino e aprendizagem dos seus alunos e auxiliá-los nesse processo, respeitando suas particularidades cerebrais. Barrios-Tao (2016) destaca que “*resultados de investigaciones neurocientíficas se convierten en una posibilidad para contribuir al mejoramiento de procesos educativos y a la solución de problemas relacionados con el aprendizaje*” (BRANDÃO; CALIATTO, 2019, p. 526)

Para Tokuhama-Espinosa destaca que “A neuroeducação detém, potencialmente, a chave para uma mudança de paradigma em técnicas de ensino e um novo modelo de aprendizagem desde a infância até a idade adulta. (2008, p.1 *apud* DRESCH 2018, p. 55)”. Bartodzeck (2006) e Puebla e Talma (2011), por sua vez, sublinha que a neuroeducação “...não só a responsabilidade de investigar o processo de aprendizagem, mas também, de explicar diferentes níveis de complexidade neuronal envolvidos no processo.” (*apud* BRANDÃO, CALIATTO p. 529). Ou seja, ao se envolver com a neuroeducação, os professores conseguem identificar as dificuldades dos estudantes e propor atividades para aprimorar e melhorar o desenvolvimento estudantil.

## 1.2. CONCEITUANDO A PSICOLOGIA COGNITIVA

A psicologia cognitiva compõe uma das três ciências que juntas formam os estudos da neuropsicopedagogia. Para Moreira e Masini a cognição é:

(...) processo através do qual o mundo de significados tem origem. À medida que o ser se situa no mundo, estabelece relações de significação, isto é, atribui significados à realidade em que se encontra. Esses significados não são entidades estáticas, mas pontos de partida para a atribuição de outros significados. Tem origem, então, a estrutura cognitiva (os primeiros significados), constituindo-se nos 'pontos básicos de ancoragem' dos quais derivam outros significados. (1982, *apud* BOCK; FURTADO; TEIXEIRA 2002, p.117)

Sendo assim, a cognição é uma preocupação no processo de compreensão do mundo como um todo. A partir da experiência que se tem de determinado espaço, pessoa, objeto, o indivíduo passa a relacionar esse armazenamento de informação no plano de cognição (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA 2002, p.117).

Desta maneira, psicologia cognitiva de acordo com Eysenck:

Refere-se aos processos internos envolvidos em extrair sentido do ambiente e decidir que ação deve ser apropriada. Esses processos incluem atenção, percepção, aprendizagem, memória, linguagem, resolução de problemas, raciocínio e pensamento. Podemos definir psicologia cognitiva como o objetivo de compreender a cognição humana por meio da observação do comportamento das pessoas enquanto executam várias tarefas cognitivas. (2017, p.1)

Ou seja, com a perspectiva cognitiva é possível notar como a psicologia cognitiva pode auxiliar o processo educacional, tendo em vista que, em função da observação da vida dos estudantes o professor pode mediar o conhecimento utilizando a vida pessoal da criança e suas experiências. De acordo com Bock, Furtado e Teixeira (2002, p. 120), compreendem o trabalho do educando como o de um tradutor, o professor irá abordar a informação científica para a

linguagem dos seus alunos, de acordo com a faixa etária. Essa ideia vai ser ligada a uma das teorias de Piaget que propõe que “...possibilidades e limites da criança em cada fase do desenvolvimento estão claramente definidos (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002, p.120)”. Assim, o professor irá ter noção de como se comunicar com seus estudantes devido a esse limite de fases.

### 1.3. CONCEITUANDO A PEDAGOGIA

O conceito histórico de pedagogia surge na sociedade a partir da década de 30 com os “pioneiros da educação”, cabendo ao curso de pedagogia apenas a “formação de professores para as séries iniciais da escolarização obrigatória. (LIBÂNEO, 2001, p.6)”.

Para Libâneo (2001) a pedagogia é:

O campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação – do ato educativo, da prática educativa como componente integrante da atividade humana, como fato da vida social, inerente ao conjunto dos processos sociais. Não há sociedade sem práticas educativas. Pedagogia diz respeito a uma reflexão sistemática sobre o fenômeno educativo, sobre as práticas educativas, para poder ser uma instância orientadora do trabalho educativo. Ou seja, ela não se refere apenas às práticas escolares, mas a um imenso conjunto de outras práticas. (p. 6)

Sendo assim, é válido que a pedagogia assuma seu lugar de ciência da educação e amplie o seu significado, deixando o ideal do senso comum de que só existe uma maneira de educar, visto que cada estudante é um ser único e as formas de ensinar se diferenciam. “Deve, além disso, atentar-se a entender os processos educativos, como se faz a práxis pedagógica, as metodologias diversas, a maneira de olhar a educação como transformadora” (DRESCH 2018, p. 59).

### 1.4. CONCEITUANDO O AUTISMO

O autismo foi colocado em pauta pela primeira vez em 1911, por Eugene Bleuler. Ele observou que alguns comportamentos do Transtorno do Espectro Autista (TEA) traziam referência a esquizofrenia. Mas Apenas em 1945, com o Psiquiatra Leo Kanner, o autismo começou a ser descrito como o que se conhece na atualidade (CUNHA, 2015 *apud* SANTOS; VIEIRA 2017, p. 221).

Kanner considerou o autismo como “uma verdadeira psicose”, de acordo com ele os exames clínicos não eram capazes de especificar que as crianças poderiam ter uma afasia congênita<sup>2</sup>. (KANNER 1956 *apud* SELLA; RIBEIRO 2018, p. 21). O autismo foi classificado,

então, como uma psicose da infância pela nona edição da Classificação Internacional de Doenças (CID-9, OMS, 1975), mas com os estudos de Ritvo e Ornitz (1976) o TEA passou a ser considerado “... uma síndrome relacionada a um déficit cognitivo e não uma psicose, justificando-se, assim, pensá-lo como um transtorno do desenvolvimento” (SELLA; RIBEIRO, 2018, p. 22).

Posto isso, é válido entender que, após a atualização do significado do autismo para um transtorno do desenvolvimento, pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) “[...] o TEA é definido como um distúrbio do desenvolvimento neurológico que deve estar presente desde a infância, apresentando déficit nas dimensões sociocomunicativa e comportamental” (SCHMIDT, 2013, p. 13 *apud* SANTOS; VIEIRA 2017, p. 221).

Diferente de uma síndrome, na qual os indivíduos possuem algumas características similares, o TEA tem suas especificidades. É um transtorno mais delicado de se identificar, principalmente por ser um estudo recente. “O uso atual da nomenclatura Transtorno do Espectro Autista possibilita a abrangência de distintos níveis do transtorno, classificando-os de leve, moderado e severo” (CUNHA, 2015 *apud* SANTOS; VIEIRA, 2017, p. 221).

Nesta perspectiva, para incluir um estudante com TEA nas instituições escolares, além de ser um dever do estado, é garantida pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, portaria nº 555/2007, prorrogada pela portaria 948/2007, “tem como objetivo assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação [...]” (BRASIL, 2008, *apud* SANTOS; VIEIRA, 2017, p. 224). Ademais, o direito é essencial, e garantido por toda a trajetória educacional do estudante, do seu ensino básico ao superior, com direito a inclusão em sala de aula, acessibilidade e atendimento especializado, para auxiliar esse grupo com deficiência. Sendo fundamental a criação de métodos capazes de auxiliar o aprendizado desses alunos, que, muitas vezes não tem o apoio necessário nas escolas, nem metodologias eficientes que facilitem o processo de aprendizagem do estudante.

## **1.5. INTERVENÇÕES NEUROPSICOPEDAGÓGICAS EM SALA DE AULA**

Entende-se que a neuropsicopedagogia é a articulação da neurociência, psicologia cognitiva e pedagogia, destacado que a ação do neuropsicopedagogo pode ser voltado para crianças autistas em sala de aula. Sendo, também, válido para essas crianças o auxílio de um corpo multidisciplinar para que alcance um aprendizado significativo, já que não aprendem “com os métodos e materiais convencionais, requerendo processos específicos para se chegar ao aprendizado” (CHUPIL; SOUZA; SCHNEIDER, 2018, p.45). É então que a neuropsicopedagogia busca “promover a integração educacional, social e individual com base em diagnósticos que originarão a reabilitação ou, até mesmo, a prevenção de dificuldades de aprendizagem.” (CHUPIL; SOUZA; SCHNEIDER, 2018, p.16).

Pode-se destacar que com as dificuldades de aprendizagem que os alunos autistas possuem, o neuropsicopedagogo reconhece, na observação individual de cada aluno, a relação entre o sistema nervoso e aprendizado do indivíduo. De acordo com Avelino (2019) o trabalho do neuropsicopedagogo consiste em criar atividades que estimulem o autista em prol de trabalhar a atividade cerebral, para que no momento que o cérebro processe o estímulo, o aluno consiga compreender e solucionar as atividades propostas.

Desta forma, o profissional precisa se certificar das dificuldades neurológicas do indivíduo a fim de desenvolver um acompanhamento eficiente, visando favorecer processo de aprendizagem (TABAQUIM, 2003). Para tanto, é fundamental realizar entrevistas a fim de identificar distúrbios de aprendizagens e encaminhar o paciente para outros especialistas. (AVELINO, 2019, p.39).

Pode-se afirmar que a neuropsicopedagogia não veio para apagar os métodos já existentes, e sim, para auxiliar os profissionais dentro de sala de aula e a própria família a lidar com a condição do aluno e realizar uma intervenção pedagógica, respeitando as limitações de cada um (AVELINO, 2019, p.39). Ademais, é importante saber que o aluno precisa de um retorno de melhora, pois a motivação irá fazê-lo se animar com a possibilidade de estar desenvolvendo o seu potencial e interessá-lo ainda mais (CHUPIL; SOUZA; SCHNEIDER, 2018, p.123). Toda a ação neuropsicopedagógica precisa ser trabalhada em conjunto aos professores, em prol de apoiar o aluno em busca da sua aprendizagem, mas o mais importante é motivá-lo a fim de entender a importância de aprender e mostrando que as intervenções neuropsicopedagógicas podem realmente mudar a vida de uma criança autista em sala de aula.



## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Esse trabalho bibliográfico buscou mostrar como a neuropsicopedagogia pode auxiliar no contexto escolar de um estudante autista. Os dados da pesquisa revelam a importância da neuropsicopedagogia no processo de aprendizagem desses estudantes, principalmente por conhecer as funções neurológicas e cognitivas dessa criança e poder criar metodologias específicas para cada caso, visando as especificidades próprias do TEA.

Sabe-se, por um lado, que existem dificuldades no aprendizado dessas crianças, por apresentar estereotípias, elas podem ser agressivas quando é contrariado por barulhos e excesso de luminosidade, ou não. Por outro, ao observar essas subjetividades e apoiada em Dresch (2018), é notório que a neuropsicopedagogia é um avanço significativo para o trabalho pedagógico dos professores em sala de aula, por transformar a educação desse estudante, tornando-o confiante no processo de aprendizagem.

Desse modo, o neuropsicopedagogo ao conhecer e analisar a rotina do estudante autista, de acordo com Chupil, Souza, Schneider (2018), apresenta possibilidades para o professor adaptar o seu planejamento com procedimentos metodológicos a fim de facilitar a inclusão desse estudantes na sociedade. Por meio de diagnósticos que permitirão a reeducação ou até mesmo a prevenção de obstáculos no processo de aprendizagem por ser uma ciência transdisciplinar, a neuropsicopedagogia integra-se no cotidiano da escola com os docentes e no contexto familiar, prezando facilitar as relações interpessoais, melhorar o aprendizado da criança autista.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com este trabalho compreende-se que as particularidades se configuram em um desafio vivido pelo docente ao se confrontar com a realidade de um estudante com deficiência em sala de aula, visto que, na maioria das vezes, esse estudante autista possui dificuldade no aprendizado da leitura, escrita, raciocínio e organização, apresentando tipo de estereotípias. A neuropsicopedagogia visa, neste sentido, facilitar a aprendizagem dos estudantes com TEA no contexto escolar, uma vez que, desenvolve metodologias facilitando a realidade do estudante em sala de aula e tornando autônomo do seu processo de aprendizagem. Aponta, também, os benefícios de uma estrutura multidisciplinar com a presença de um neuropsicopedagogo.

Pode-se ressaltar, a partir dessa pesquisa que, a neuropsicopedagogia vem ganhando espaço e o devido reconhecimento em função de suas propostas de inovação. Por articular os estudos do funcionamento cerebral e do processo cognitivo, motor e socioemocional, o profissional neuropsicopedagogo consegue criar metodologias baseado em cada indivíduo autistas e nas suas singularidades, o que auxilia, não apenas a criança na resolução de atividade, a compreensão de assuntos com facilidade, mas também ao professor no processo de inclusão socioeducacional desse estudante.

## REFERÊNCIAS

AMBRÓS, Danieli; OLIVEIRA, Glaucimara. **O aluno com transtorno do espectro autista na sala de aula: caracterização, legislação e inclusão.** 2017 Disponível em: <<https://editora.pucrs.br/edipucrs/anais/i-seminario-luso-brasileiro-de-educacao-inclusiva/assets/artigos/eixo-3/completo-3.pdf>> Acesso em: 28 abr. de 2022.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5.** Porto Alegre: Artmed, 2014.

AVELINO, Wagner Feitos. **A Neuropsicopedagogia no Cotidiano Escolar da Educação Básica.** Revista Educação em Foco, ed. 11, 2019. Disponível em: <[https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2019/06/003\\_A-NEUROPSICOPEDAGOGIA-NO-COTIDIANO-ESCOLAR-DA-EDUCA%C3%87%C3%83O-B%C3%81SICA.pdf](https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2019/06/003_A-NEUROPSICOPEDAGOGIA-NO-COTIDIANO-ESCOLAR-DA-EDUCA%C3%87%C3%83O-B%C3%81SICA.pdf)> Acesso em: 28 de abr. 2022>

BEAUCLAIR, João. **O que é Psicopedagogia.** 2013. Disponível em: <<https://pedagogiafadba.files.wordpress.com/2013/03/o-que-%20psicopedagogia.pdf>> Acesso em: 20 jul. 2018.

BRANDÃO, Amanda dos Santos; CALIATTO, Susana Gakyia. **Contribuições Da Neuroeducação Para A Prática Pedagógica.** Rev. Exitus, Santarém, v. 9, n. 3, p. 521-547, jul. 2019. Disponível em <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2237-94602019000300521&lng=es&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-94602019000300521&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em 21 set. 2022. Epub 17-Abr-2020. <https://doi.org/10.24065/2237-9460.2019v9n3id926>

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: Uma introdução ao estudo de psicologia.** 13. Ed. Reform. E ampl. São Paulo: Saraiva, 2002.



CHUPIL, Priscila; SOUZA, Karlen; SCHNEIDER, Cleussi. **A neuropsicopedagogia e o processo de aprendizagem.** - 1. ed. - Curitiba [PR] : IESDE Brasil, 2018.

CUNHA, Eugênio. **Autismo na escola: um jeito de aprender, um jeito diferente de ensinar - ideias e práticas pedagógicas.** 2 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2013.

DRESCH, Fernanda. **Teoria e Prática da Neuropsicopedagogia.** 1ed. Curitiba PR, 2018.

EYSENCK, Michael W.; KEANE, Mark T. **Manual de Psicologia Cognitiva.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

FONSECA, Vitor. **Papel das funções cognitivas, conativas e executivas na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica.** Revista Psicopedagogia, Portugal. 2014.

GONÇALVES, Alzira de Sousa Paiva. **A aprendizagem do autista (TEA) e a intervenção neuropsicopedagógica.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 06, Vol. 06, pp. 32-40. junho de 2020. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/aprendizagem-do-autista>> DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/educacao/aprendizagem-do-autista. Acesso em: 21 de abr. 2022

LIBÂNIO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar em Revista**, [S.l.], v. 17, n. 17, p. p. 153-173, jun. 2001. ISSN 1984-0411. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2074/1726>>. Acesso em: 22 set. 2022.

HERCULANO-HOUZEL, Suzana. **O cérebro nosso de cada dia: descobertas da neurociência sobre a vida cotidiana.** Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004.

R. K. DOS SANTOS, A. MAIRA E. C. DA SILVA VIEIRA. **Transtorno Do Espectro Do Autismo (Tea): Do Reconhecimento À Inclusão No Âmbito Educacional.** Revista Includere. Rio Grande do Sul, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufersa.edu.br/includere/article/view/7413/pdf>>. Acesso em: 10 de Out, 2022.

SELLA, Ana Caroline; RIBEIRO, Daniela Mendonça. **Análise do Comportamento Aplicada ao Transtorno do Espectro Autista.** 1. ed. - Curitiba: Appris, 2018. 323 p.; 27 cm (PSI)  
SILVA, J.R.S.; ALMEIDA, I C.D.; GUINDINI, J,F.; **Pesquisa Documental: Pistas Teóricas e Metodológicas.** Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. Ano I. Número I. Julho de 2009.

SOUZA, A. S.; OLIVEIRA, S. O.; ALVES, L H. **A pesquisa bibliográfica: Princípios e Fundamentos.** Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, p.64-83/2021.



**TABAQUIM, Maria L. M. Avaliação Neuropsicológica nos Distúrbios de Aprendizagem. In Distúrbio de aprendizagem: proposta de avaliação interdisciplinar.** Org. Sylvia Maria Ciasca. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.